6. “Literatura em minha casa”

a seleção de livros para crianças

Célia Regina Delácio Fernandes
Flávia Ferreira de Paula

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

FERNANDES, C.R.D., and PAULA, F.F. “Literatura em minha casa”: a seleção de livros para crianças. In: SILVA, M.C., and BERTOLETTI, E.N.M., orgs. *Literatura, leitura e educação* (online). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2017, pp. 155-180. Pesquisa em educação/ Práticas de leitura e escrita series. ISBN 978-85-7511-497-1. Available from: doi: [10.7476/9788575114971.0007](https://doi.org/10.7476/9788575114971.0007). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/5gg44/epub/silva-9788575114971.epub>

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

6

“Literatura em minha casa”: a seleção de livros para crianças¹

Célia Regina Delácio Fernandes
Flávia Ferreira de Paula

6.1 Literatura: nutrição do intelecto e da sensibilidade

A literatura não é, como tantos supõem, um passatempo. É uma *nutrição*.

CECÍLIA MEIRELES

A formação do leitor é complexa e envolve muitos fatores. Entre as instituições envolvidas nesse processo, destaca-se a importância da escola, tendo em vista que é o local em que a maioria dos alunos tem seu primeiro contato com a leitura. O espaço para leitura se restringe, em boa parte, ao ambiente escolar, já que a quantidade de bibliotecas públicas e de fácil acesso é pequena. Além disso, os meios de comunicação em massa, em especial televisão, jogos virtuais e internet, ocupam boa parte do tempo livre das crianças e jovens. Assim, para que a leitura seja uma atividade agradável desde a infância, a escola precisa promover uma aproximação entre crianças e livros. E essa aproximação demanda material de qualidade e biblioteca, além de profissionais qualificados, metodologia e planejamento. Azevedo (2001) esclarece que “textos didáticos são essenciais para a formação das pessoas, mas não formam leitores. É preciso que

1 Este texto foi publicado na revista *Teias*, v. 16, n. 41, 2015, e atualizado para este livro.

concomitantemente haja acesso à leitura de ficção, ao discurso poético, à leitura prazerosa e emotiva, para que isso aconteça (p. 3)”.

Nessa perspectiva, a literatura infantojuvenil desempenha, nas séries iniciais, papel essencial na formação de novos leitores, porque as crianças gostam de imaginar, criar histórias e entrar no mundo da fantasia. Como bem aponta Lajolo (2005): “Para começar, a escola precisa de livros. Muitos e bons” (p. 14) e também precisa incentivar o uso da biblioteca, criar salas de leitura.

Em entrevista concedida a Nascimento (2003, p. 52), Marisa Lajolo destaca que “a relação entre literatura infantil, literatura juvenil e escola vem desde o nascimento desses gêneros e está cada vez mais entrelaçada”. Grande parte dos livros produzidos pelas editoras é comprada pelo governo e enviada às escolas públicas. Para isso, acontece uma seleção criteriosa. É fundamental, nesse cenário de compras de acervos a serem enviados às escolas, levantar dados referentes às políticas públicas de leitura e aos programas governamentais de incentivo à leitura escolar no Brasil, assim como mapear e analisar os critérios levados em consideração pelas instâncias governamentais na escolha dessas obras literárias.

Dada a importância de se analisar o que vem sendo apontado como literatura de “boa qualidade”² na seleção das obras para as compras governamentais nos últimos anos, este capítulo é o resultado de um estudo do projeto “Literatura em minha casa”, do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), nos anos de 2001, 2002 e 2003, em especial as obras destinadas às quarta e quinta séries³ do ensino fundamental, somando um total de 120.

2 Não se pretendeu, aqui, discutir o que é literatura boa ou ruim, mas tão somente fazer um estudo sobre alguns aspectos das obras escolhidas para os acervos em questão, ou seja, as obras consideradas “boas” pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) nos anos de 2001, 2002 e 2003.

3 As nomenclaturas se referem às séries da época do projeto, que correspondem, hoje, aos quinto e sexto anos do ensino fundamental.

Com base na hipótese de Fernandes (2007) de que existem autores e obras consagrados pela crítica que formam um cânone literário infantojuvenil, em detrimento do critério de diversidade estabelecido nos editais de convocação para a inscrição de coleções de obras do PNBE (Brasil, 2001; 2002; 2003), procuramos analisar os critérios de seleção para as compras, as repetições de obras nos acervos, os autores e ilustradores mais recorrentes, bem como identificar as editoras contempladas, as temáticas mais frequentes, a pluralidade cultural presente nos livros e ainda eventuais imagens de regionalismo e do regional do Mato Grosso do Sul no cânone literário infantojuvenil nos anos em foco.

A relevância acadêmica desta pesquisa se deve não somente à importância das políticas públicas de compra e distribuição de livros para a formação de leitores na sociedade, como também ao desconhecimento de grande parte da população sobre o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) e sobre o projeto “Literatura em minha casa” (Paula, 2010; Paula e Fernandes, 2010; 2016). Além disso, o tema regionalismo na literatura infantojuvenil é uma novidade, já que não foram encontradas pesquisas nessa área. Também levamos em consideração a importância social de se buscarem representações de pluralidade cultural nas obras – um dos temas transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1998) – que digam respeito à valorização de características étnicas e culturais de diferentes grupos sociais que convivem no território nacional.

6.2 O projeto “Literatura em minha casa”

Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde

guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. [...]

CLARICE LISPECTOR

Criado em 1997, sob a gestão do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) tem como principal objetivo apoiar o cidadão no exercício da reflexão, da criatividade e da crítica, por meio da distribuição de obras de literatura, pesquisa e referência.

Garantir o acesso à informação e à cultura, além de estimular a formação do leitor na escola e na comunidade, foram os elementos motivadores para a criação desse programa, que vem distribuindo livros para as escolas e a comunidade. Assim, sua finalidade consiste em viabilizar a diversidade das fontes de informação das escolas públicas brasileiras, contribuindo para o aprimoramento da consciência crítica dos alunos, professores e comunidade em geral (Paula e Fernandes, 2014).

A partir de 2001, o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) modificou a sistemática anterior, deixando de enviar livros às bibliotecas escolares, como nos anos anteriores, para distribuí-los diretamente aos alunos. Assim, os alunos teriam acesso direto às coleções, com obras representativas da literatura nacional e estrangeira, de modo que pudessem levar os livros para casa, o que favorecia a troca em casa e entre colegas. Assim, o projeto, intitulado “Literatura em minha casa”, buscou incentivar os aprendizes a ler, deixando-os na condição de proprietários dos livros e, assim, permitindo também o contato de suas famílias com a leitura.

Na época, muitas foram as críticas à questão da posse privada dos livros em detrimento da posse pública, fazendo do livro propriedade do aluno, e não mais da comunidade escolar. É relevante, nessa perspectiva, refletir a respeito da importância de o

aluno – leitor em formação – ter o livro em casa e como sua propriedade.

Resultados da pesquisa “Retratos da leitura no Brasil” (Instituto Pró-Livro, 2008) apontam dados importantes no que se refere ao fato de os entrevistados possuírem ou não livros em casa e às práticas de leitura dentro de casa, entre os membros da família. Nesse contexto, entre os não leitores (quem declarou não ter livro nenhum livro nos últimos três meses), 86% revelaram nunca terem sido presenteados com livros na infância, enquanto, entre os leitores (quem declarou ter lido pelo menos um livro nos últimos três meses), esse índice caiu para 49%. Além disso, entre os não leitores, 68% afirmaram que nunca ou raramente viam os pais lendo. No que se refere aos leitores, 60% declararam que viam os pais lendo sempre ou de vez em quando.

No que concerne à posse de livros no Brasil, a pesquisa mostra que 146,4 milhões de brasileiros (85% da população analisada) afirmam possuir pelo menos um livro em casa, com uma média de 25 livros por residência. Observa-se que três em cada cinco livros pertencem ao entrevistado, enquanto os demais ou são de outras pessoas da família, ou são emprestados, ou ainda pertencentes a programas governamentais.

A terceira edição da pesquisa “Retratos da leitura no Brasil” (Instituto Pró-Livro, 2012) corrobora esses dados, ao mostrar que, entre os não leitores (quem declarou não ter lido nenhum livro nos últimos três meses, mesmo que tenha lido algo nos últimos 12 meses), 87% responderam nunca terem sido presenteados com livros; por sua vez, entre os leitores (quem declarou ter lido pelo menos um livro, inteiro ou em partes, nos últimos três meses), esse índice caiu para 60%. Registra-se ainda, nessa edição, que, entre os leitores, 93% afirmaram costumar ler livros em casa, ao passo que 12% declararam ler em bibliotecas.

A edição mais recente de “Retratos da leitura no Brasil”, datada de 2015 (Instituto Pró-Livro, 2016), expõe alguns resultados melhores, ao cotejarmos com a edição de 2011: o número de leitores aumentou, proporcionalmente, de 50% para 60%. No que diz respeito à posse, 79% declararam nunca terem sido presenteados com livros; entre os leitores, contudo, esse índice caiu para 53%. Ainda no que tange às principais formas de acesso ao livro, apesar das alterações nas opções de resposta, é possível compararmos o item “Distribuídos pelo governo ou pelas escolas”: 15% em 2011 e 9% em 2015. Chama a atenção essa diminuição no quesito, o que aponta para uma queda nos resultados das políticas públicas exatamente quando o PNBE estava suspenso. No entanto, essa eventual causa demandaria mais investigação.

Diante desses dados estatísticos, podemos concluir que a posse de livros é de grande importância para o leitor durante a infância, período em que ainda está adquirindo o hábito de leitura. Os livros em mãos são motivo de bastante entusiasmo para as crianças, tal como descreve a personagem de *Felicidade clandestina*, de Clarice Lispector (2002). Ter livros à disposição ou não dos aprendizes, seja em casa, seja na escola, é fator determinante para a formação do leitor. Daí a relevância de se discutirem as políticas públicas de leitura, como o PNBE, e também os projetos que incentivam a leitura junto à família, como o “Literatura em minha casa”, que distribuiu livros aos alunos das escolas públicas.

Com início em 2001, o projeto teve seu material de divulgação enviado às escolas na forma de *folder*, cujas ilustrações ficaram a cargo do escritor e cartunista Ziraldo. Em seu texto, o Ministério da Educação deixa claros seus objetivos:

LIVRO É GÊNERO DE PRIMEIRA NECESSIDADE.

Livro é para levar pra casa.

É pra criança ler com a mamãe, o papai, a vovó, a família toda! É um objeto pra ser amado pela criança. Pra ela dormir abraçada, escrever seu nome nele, colorir suas figuras, usufruí-lo...

DEIXE A CRIANÇA VIVER COM O LIVRO! (MEC, *folder* do projeto “Literatura em minha casa”)

No primeiro ano do projeto “Literatura em minha casa”, foram distribuídas obras de literatura infantojuvenil aos matriculados nas quartas e quinta séries do ensino fundamental. Nesse ano, o acervo contou com trinta títulos, organizados em seis coleções de cinco volumes (poesia de autor brasileiro, conto, novela, clássico da literatura universal e texto de tradição popular brasileira ou peça teatral). Com um total de mais de oito milhões e quinhentos mil livros distribuídos para quase 61 milhões alunos beneficiados, cada uma das 139.119 mil escolas contempladas recebeu quatro acervos, com 24 coleções, totalizando um investimento de R\$ 57.638.015,60.

Em 2002, o programa distribuiu novamente a coletânea “Literatura em minha casa”. Compostas de cinco obras literárias (poesia de autor brasileiro, conto, novela, clássico da literatura universal e texto de tradição popular brasileira ou peça teatral), as oito coletâneas foram entregues apenas aos alunos da quarta série das escolas públicas do ensino fundamental, em virtude da redução dos recursos destinados ao programa. Um total de 21.082.880 livros distribuídos, 3.841.268 alunos beneficiados em 126.692 escolas e um investimento de R\$ 19.633.632,00.

Em 2003, o programa foi executado em cinco diferentes ações: 1) “Literatura em minha casa”; 2) Palavras da gente – educação de jovens e adultos; 3) Casa da Leitura; 4) Biblioteca do professor; 5) Biblioteca escolar. Nesse ano, foram 18.010.401 alunos contempla-

dos, em 141.266 escolas beneficiadas, com um total de 49.034.192 livros distribuídos e de R\$ 110.798.022,00 investidos. O acervo para a quarta série – que interessa à presente pesquisa — foi, como em 2001 e 2002, composto por dez coleções, com cinco volumes cada.

6.3 Critérios de seleção das obras

Para que se forme um leitor de maneira democrática, as instituições envolvidas precisam contar com estratégias confiáveis de avaliação, compra e distribuição. Assim, é essencial, nos estudos referentes às políticas públicas de leitura e aos programas governamentais de incentivo à leitura escolar no Brasil, que se levantem dados a respeito dos critérios considerados legítimos pelas instâncias governamentais na escolha das obras literárias que compõem os acervos do PNBE (Fernandes, 2017; Fernandes e Cordeiro, 2012).

O edital de 2001 definiu as regras para a inscrição de coleções de obras de literatura, incorporando quatro anexos, consistentes em partes indissolúveis. São eles: I) Especificações técnicas; II) Critérios de avaliação e seleção; III) Triagem; IV) Declaração de titularidade. Merece destaque a repetição, no acervo de 2001, de obras presentes nos acervos dos anos anteriores, tais como *Bisa Bia*, *Bisa Bel*, de Ana Maria Machado; *A formiguinha e a neve*, adaptada por João de Barro; *Minhas memórias de Lobato*, que consta como adaptação de Monteiro Lobato no PNBE/1999, embora registrada sob a autoria de Luciana Sandroni no PNBE/2001; e *A arca de Noé*, de Vinicius de Moraes, todas integrantes do acervo do PNBE/1999. Tais repetições – que poderiam ter sido evitadas pelas editoras, caso houvesse alguma recomendação no edital –, é importante sublinhar, reforçam a canonização desses autores consagrados pela crítica (Fernandes, 2007, p. 71).

O edital para o PNBE/2002 apresentou poucas alterações em relação ao conteúdo e à forma do edital de 2001, com alguns pequenos acréscimos. No que diz respeito aos critérios de seleção, a principal mudança consistiu em privilegiar autores “representativos da produção literária brasileira e universal”. Outro aspecto foi a exclusão das obras que compunham as coleções do PNBE/2001. Também foi esclarecido o que se esperava das ilustrações, acrescentando-se, ao final, um item sobre o projeto editorial na avaliação das coleções. Portanto, é possível constatar um aprimoramento em seus aspectos, com maior clareza na redação, em comparação ao edital do ano anterior. Destacamos, contudo, a repetição de obras como *A bolsa amarela*, de Lygia Bojunga, *As aventuras de Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carroll, e *A terra dos meninos pelados*, de Graciliano Ramos, distribuídas pelo PNBE/1999, novamente reforçando a canonização de autores consagrados pela crítica (Fernandes, 2007, p. 73).

Em 2003, o edital apresentou poucas modificações em relação ao edital do ano anterior, ampliando algumas especificações das coleções para a oitava série e a Educação de Jovens e Adultos (EJA). No que tange à seleção das obras, o edital manteve o critério de representatividade dos autores escolhidos como fator relevante para a escolha do acervo. Destacamos dois livros do mesmo autor e com os mesmos personagens. Trata-se de dois livros de Mark Twain: *Tom Sawyer* e *Tom Sawyer detetive*. A primeira obra, uma adaptação de Ruth Rocha, faz parte da coleção da Editora Objetiva, narrada em terceira pessoa. A segunda, por sua vez, adaptada por Carlos Heitor Cony, integra a coleção da Quinteto Editorial, narrada em primeira pessoa pelo amigo de Tom Sawyer, Huck Finn. A qualidade das obras e sua boa receptividade ao público infantojuvenil são inquestionáveis, mas a repetição atenta contra o critério da diversidade, exposto no edital.

Os critérios de seleção para as compras nos anos em questão, conforme verificamos nos editais de convocação de obras de literatura para as coleções (Brasil, 2001; 2002; 2003), contaram com aspectos que, basicamente, podem ser resumidos em duas exigências: diversidade (de gêneros, assuntos, títulos e autores de diferentes épocas e regiões) e materialidade da obra (projeto gráfico e ilustrações que levam em consideração o público-alvo em questão, como, por exemplo, tamanho da letra e fonte).

6.4 Editoras contempladas: o mercado editorial do projeto “Literatura em minha casa”

Em estudo intitulado “Livros para a educação infantil: a perspectiva editorial”, Magda Soares (2008) afirma que

[...] a atividade editorial tem sido pouco contemplada como objeto de estudo nas pesquisas sobre literatura infantil, que têm se voltado sobretudo para a análise de livros, de autores, de ilustradores, para a atuação da escola e das bibliotecas na promoção e orientação da leitura infantil, para as reações das crianças à leitura de literatura infantil (pp. 21-2).

Assim, com base na ideia de que “a resposta das editoras às demandas das políticas de incentivo à leitura de crianças e jovens, políticas que vêm se ampliando nas últimas décadas, permite identificar alguns aspectos da atividade editorial na área de literatura infantil” (Idem, pp. 21-2), buscamos esses aspectos nos acervos de 2001, 2002 e 2003 do PNBE, tanto no que tange às editoras contempladas nessas ocasiões, com a respectiva localização, como aos autores e ilustradores mais recorrentes nas obras estudadas.

O estudo sobre as editoras que abastecem o mercado de literatura infantojuvenil brasileira em três anos do PNBE indicou que a maioria das editoras está localizada na Região Sudeste do país (Figura 6.1), exclusivamente em São Paulo (48% do total) e no Rio de Janeiro (38%). Apenas uma editora (Newtec) se situa em outra região – a Região Sul –, no estado do Rio Grande do Sul (4%). Esses estados correspondem, como apontamos, respectivamente, ao primeiro, ao segundo e ao quarto PIBs mais altos do país (IBGE, 2007). Também destacamos o fato de o projeto “Literatura em minha casa” haver contemplado apenas editoras grandes, já que as obras eram escolhidas apenas por coleções, não se tratando de obras individuais, o que levou à exclusão das editoras pequenas. Além disso, os autores consagrados, em sua maioria, pertencem às editoras de maior porte.

Figura 6.1. Gráfico das editoras do projeto “Literatura em minha casa” por estados.

6.5 Autores e ilustradores recorrentes nos acervos: o cânone estabelecido

Em estudo já citado a respeito da perspectiva editorial dos livros voltados à educação infantil, Magda Soares (2008) faz um levantamento dos autores com maior número de livros inscritos para o PNBE/2008. Soares constata que autores nacionalmente reconhecidos e de prestígio consolidado – Ana Maria Machado, Ziraldo, Tatiana Belinky, Mary e Eliardo França, Sylvia Orthof, Elias José, Ruth Rocha, Eva Furnari e Maria Clara Machado – têm um maior número de livros inscritos, independentemente das editoras que os inscrevem (Idem, p. 26). Nosso trabalho difere do de Soares na medida em que analisa as obras escolhidas para compor os acervos do PNBE nos anos do projeto “Literatura em minha casa” após a seleção por especialistas.

Nossa hipótese inicial, acerca da existência de um cânone literário infantojuvenil estabelecido, com autores, ilustradores e obras consagradas, que estariam acima dos critérios de diversidade previstos nos editais do PNBE nos anos de 2001, 2002 e 2003, foi confirmada, com um grande número de autores canônicos tanto da literatura de menor idade como da literatura adulta brasileira (Tabela 6.1). Verificamos que autores como Sylvia Orthof, Ana Maria Machado, Olavo Bilac, Cecília Meireles e Machado de Assis são numerosos nos livros e nas antologias de poemas e contos. A qualidade dos textos desses autores – representativos da produção literária brasileira, conforme previam os editais de convocação das obras – e a boa receptividade em relação aos leitores, vale a pena lembrarmos, são inquestionáveis. Entretanto, essa recorrência pode criar no leitor iniciante a ideia de que apenas algumas obras, de alguns autores, são literárias.

Tabela 6.1. Autores mais recorrentes no projeto “Literatura em Minha Casa”

<i>Ranking</i>	<i>Autor</i>	<i>Número de livros</i>
1º	Sylvia Orthof	14
2º	Ana Maria Machado	12
3º	Olavo Bilac	10
4º	Cecília Meireles	8
	Machado de Assis	
5º	Moacyr Scliar	7
	Pedro Bandeira	
	Ruth Rocha	
6º	Carlos Drummond de Andrade	6
	Henriqueta Lisboa	
	José Paulo Paes	
	Leo Cunha	
	Manuel Bandeira	
	Mário Quintana	

Ressaltamos ainda que tanto no estudo de Soares (2008), a respeito dos autores com maior número de obras inscritas para o acervo do PNBE/2008, como em nossa análise dos autores mais recorrentes nas obras escolhidas para os acervos do PNBE em 2001, 2002 e 2003, destacam-se os nomes de Ana Maria Machado, Sylvia Orthof e Ruth Rocha,⁴ consagradas escritoras de literatura infantojuvenil.

Com a análise do total de 191 dos autores, brasileiros e estrangeiros, os resultados apontaram para 14,14% de escritores estrangeiros ou naturalizados brasileiros; 56,54% (mais da metade) ori-

4 É relevante destacar que Ana Maria Machado recebeu, entre outros prêmios importantes, a medalha internacional Hans Christian Andersen, em 2000, considerado o Nobel da Literatura para Crianças e Jovens. Sylvia Orthof, por sua vez, foi ganhadora, também entre outros, do Prêmio Jabuti, em 1997. Ruth Rocha já foi premiada quatro vezes pela Câmara Brasileira do Livro, por seu trabalho de ficção em literatura infantil, entre outras premiações.

ginários da Região Sudeste; 8,90% nascidos na região Sul; 2,62% da região Centro-Oeste; 2,62% da Região Norte; e, finalmente, 15,18% originários da Região Nordeste (Figura 6.2).

Figura 6.2. Local de nascimento dos autores do projeto “Literatura em Minha Casa” por regiões do Brasil e do exterior.

Entre os ilustradores, constatamos menor repetição em relação à análise dos autores (Tabela 6.2): o número máximo de livros por ilustrador é seis (apenas 5% do acervo).

Tabela 6.2. Ilustradores mais recorrentes no projeto Literatura em Minha Casa

Ranking	Ilustrador	Números de livros
1º	Cláudia Scatamacchia	6
	Glenda Rubinstein	
	Orlando Pedroso	
2º	Pinky Wainer	5
	Graça Lima	

Os resultados dos locais de origem apontaram para mais de 66 nascidos na Região Sudeste do Brasil (Figura 6.3).

Figura 6.3. Local de nascimento dos ilustradores do projeto “Literatura em minha casa” por regiões do Brasil e exterior

Como vemos, sessenta ilustradores (63,83%) dos livros em questão são nascidos na Região Sudeste do Brasil; 21 (22,34%) são estrangeiros ou brasileiros naturalizados; sete (7,45%) são nascidos na Região Sul do país; cinco (5,32%), na Região Nordeste; e apenas um (1,06%) na Região Centro-Oeste. Dessa maneira, autores de diversas regiões – como previam os editais – e ilustradores (também objeto de nossa análise) não foram registrados em nossos resultados.

6.6 Sobre o que fala a literatura infantojuvenil: temáticas

Para abordar as temáticas, usamos a divisão tripartite proposta por Paiva (2008) em seu artigo “A produção literária para crianças: onipresença e ausência das temáticas”. A autora discute as temáticas abordadas pelas obras de literatura infantil brasileira nos livros inscritos para o PNBE/2008. Aqui, em contrapartida, levantamos as temáticas recorrentes nas obras das coleções selecionadas para três anos do programa “Literatura em minha casa”, que abarcam livros nacionais e estrangeiros, de diferentes épocas e regiões. A exemplo da autora das categorias propostas, e como já esclarecido, não temos pretensão de exaustividade nem de exclusividade em relação aos grupos propostos. As categorias propostas por Paiva (2008) são as seguintes:

1. A fantasia como tradição: podem fazer parte dessa categoria livros de contos de fadas, fábulas, histórias de animais, fazendas, parques, circos, enfim temas que, por serem consagrados na literatura infantil, são os que mais agradam as crianças.

2. O conteúdo como opção: trata-se dos temas transversais, crescentes na produção literária voltada ao público infantil, apreciados por escolas e professores. Seus temas mais comuns são: ecologia, meio ambiente, inclusão social, questões etnicorraciais etc.

3. A realidade como aposta: aqui, estão obras que abordam temas de experiências cotidianas, vivenciadas por qualquer ser humano, independentemente da idade. São questões como morte, medo, abandono e separação, bem como sentimentos como amor, raiva, angústia, tristeza, ciúme, posse e perda.

Destacamos ainda que, em nossa análise, no caso das coletâneas de contos e poesias que compõem os acervos estudados, consideramos a maioria dos temas presentes na coletânea por inteiro, em número de textos, para a classificação dos livros.

Nossos resultados apontaram para aproximadamente 73% de títulos analisados com temáticas ligadas à fantasia; 6% ligados a temas transversais; e 21% ligados à realidade (Figura 6.4).

Figura 6.4. Distribuição em porcentagem das temáticas das obras que compõem os acervos do projeto “Literatura em minha casa”

Verificamos, assim, que a literatura infantojuvenil, no *corpus* analisado, manteve a tradição das temáticas ligadas à fantasia – tanto por serem consagradas na literatura infantil como por serem as que mais agradam as crianças (Paiva, 2008, p. 40) –, mas incorporou obras que abordam temas transversais e realidade.

6.7 O local em que se passam as histórias infantojuvenis

Buscamos mapear onde se passam as histórias dos livros escolhidos para as coleções do projeto “Literatura em minha casa”. Para essa tarefa, dividimos os lugares em três categorias: lugar indefinido, Brasil e exterior. A segunda categoria (Brasil) ainda se divide nas regiões do país: Sudeste, Sul, Nordeste, Norte e Centro-Oeste. Classificamos aqui os livros em que o local da história fica explícito, seja no texto, seja na ilustração. Salientamos ainda que, no caso das coletâneas, os livros com mais de uma história com lugares definidos (Brasil ou exterior) ou indefinidos foram contados mais de uma vez.

O gráfico a seguir aponta para os resultados gerais em proporção: com 60,63% das histórias em lugares indefinidos; 14,17% na Região Sudeste do país; 11,81% em países diversos; 6,30% na Região Nordeste; 3,15% na Região Sul; 2,36% na Região Norte; e 1,57% do total de livros com histórias que se desenrolam na Região Centro-Oeste do Brasil.

Figura 6.5. Histórias do projeto “Literatura em Minha Casa” que se passam em lugar indefinido, em regiões do Brasil ou no exterior.

As histórias das obras-alvo de nosso estudo se passam em lugares indefinidos (com frequência, fabulosos ou encantados, o que converge com a grande parte das histórias, que, em sua maioria, aborda temáticas ligadas à fantasia) 61% das vezes; aproximadamente 28% delas acontecem no Brasil; e 12% se desenrolam em outros países. Entre os livros cujas histórias se situam no Brasil, grande parte se concentra na Região Sudeste.

6.8 Representação e identidade: pluralidade cultural em questão

A pluralidade cultural é um dos temas transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1998), referindo-se ao desafio de respeitar os diferentes grupos étnicos e as diferentes culturas que compõem tanto a população brasileira como a mundial, a fim de que se conviva com grupos distintos e que essa característica se transforme em fator de enriquecimento cultural e de valorização da própria identidade cultural e regional.

Nesta pesquisa, objetivamos buscar as representações⁵ de diferentes grupos brasileiros, no que se refere a etnia, cultura e regionalismo, nas obras do projeto “Literatura em Minha Casa”, em especial aquelas destinadas às quartas e quintas séries do ensino fundamental, com base nos editais de convocação para a inscrição das obras do projeto. Esses editais prescreviam que as coleções deveriam “apresentar-se como um pequeno retrato da cultura brasileira” (Brasil, 2001; 2002; 2003), a qual é marcada pela diversidade.

Nosso estudo a respeito da pluralidade étnica dos personagens dos acervos mostrou que a quantidade de obras que contém essa pluralidade (no total, 17) parece pequena em relação ao número daquelas distribuídas nos três anos (120 obras). Ainda de acordo com os resultados, o espaço para personagens brancos, negros, índios e japoneses parece garantido na literatura infantojuvenil, embora nem sempre representem os mesmos papéis nem apareçam na mesma proporção. O fato é que, sem dúvida, o aspecto da diversidade étnica é importante não só para que leitores de diferentes etnias se vejam representados nos livros e nas histórias que

5 Entendemos *representação* da mesma forma que Stuart Hall (1997). Para o autor, a representação liga o significado e a linguagem à cultura. Assim, representar é usar a língua/linguagem para dizer algo significativo ou representar o mundo de forma significativa.

leem, mas para que também passem a respeitar e conviver com essas diferenças.

No que concerne à pluralidade cultural e às imagens de regionalismo, constatamos a presença de variados aspectos culturais e regionais de diferentes regiões do Brasil. Destacamos ainda a grande influência da cultura indígena no que concerne aos aspectos culturais do país. Essa diversidade, contudo, poderia ser ainda maior, já que foram localizadas apenas 11 obras com essa característica nos três acervos analisados, escolhidos a partir de um edital que previa que as coleções se apresentassem como um pequeno retrato da cultura brasileira.

No que diz respeito aos autores sul-matogrossenses e às imagens do regionalismo de Mato Grosso do Sul, encontramos aspectos naturais do Pantanal nas poesias do matogrossense Manoel de Barros presentes em três das antologias analisadas. No entanto, as temáticas abordadas pelo poeta nas obras em questão (*Palavras de encantamento*, do acervo de 2001; *A poesia dos bichos*, do acervo de 2002; e *Fazedores do amanhecer*, do acervo de 2003) abordam assuntos universais. Evidenciamos aqui a lacuna nos acervos no que se refere a autores do Mato Grosso do Sul e imagens do regional sul-matogrossense, já que apenas três antologias apresentam representações desse estado.

6.9 Considerações sobre alguns aspectos dos acervos selecionados

A motivação inicial para a realização deste trabalho foi estudar a literatura infantojuvenil que circula nas escolas. Dessa maneira, cientes de que o governo é o maior comprador do gênero, buscamos verificar quais livros literários têm sido comprados e enviados às escolas públicas de todo o país, a fim de averiguar o que

tem sido apontado como “boa literatura” pelo governo nos últimos anos.

Nessa perspectiva, tendo o projeto “Literatura em minha casa” como objeto de estudo, analisamos não só os autores, os ilustradores mais recorrentes e os critérios de seleção das compras, mas também as temáticas mais frequentes, o espaço físico em que se passam as histórias, a presença de imagens de pluralidade étnica, cultural, imagens de regionalismo e, por fim, do regional sul-matogrossense.

Em suma, as coleções do projeto “Literatura em minha casa” contemplaram obras de diferentes gêneros literários: poesia, conto, novela, texto de tradição popular, clássico universal e peça teatral. Os critérios de seleção foram, de modo geral, três: um primeiro, que diz respeito à triagem (referentes à análise da estrutura editorial); um segundo, que diz respeito aos critérios de avaliação e seleção (tipologia, temática, seleção de títulos e autores, texturalidade, projeto gráfico e ilustrações e projeto editorial); e um terceiro, relativo às especificações técnicas mínimas (formato, capa, miolo e acabamento). Também registramos repetições nos acervos, com obras repetidas do acervo de 1999 em 2001 e 2002, e obras repetidas (não obras iguais, mas do mesmo autor e com os mesmos personagens) no acervo de 2003, o que atenta contra o aspecto da diversidade proposta nos editais.

Somada aos dados referentes ao mercado editorial do projeto “Literatura em minha casa”, a análise dos autores e ilustradores, bem como de seus locais de origem, reforça os resultados iniciais, no sentido de que a Região Sudeste predomina não somente na produção editorial dos livros dos anos em questão, como também na escrita e na ilustração das obras escolhidas. Nesses acervos, não se encontrou diversidade de autores e ilustradores de diferentes regiões, conforme previam os editais de convocação para

a inscrição das obras de literatura nos três anos do projeto “Literatura em minha casa”.

Verificamos, ainda, a recorrência de autores consagrados, tanto da própria literatura de menor idade como da literatura adulta brasileira, formando uma espécie de cânone nos três acervos estudados. No que se refere aos ilustradores, constatamos que não há uma repetição tão grande quanto a de autores nas coleções analisadas.

A literatura infantojuvenil, no *corpus* analisado, manteve a tradição das temáticas ligadas à fantasia, mas incorporou obras que abordam temas transversais e realidade. Também confirmamos que, em sua maioria, as histórias dos livros se passam em um lugar indeterminado. Comprovamos também que, entre os livros cujas histórias se passam no Brasil, grande parte se concentra na Região Sudeste.

No que diz respeito à pluralidade étnica, verificamos a presença de personagens brancos, negros, índios e japoneses, embora estes últimos nem sempre tenham o mesmo espaço ou representem os mesmos papéis. Em relação à pluralidade cultural e às imagens de regionalismo, encontramos imagens de diferentes culturas e aspectos regionais de diferentes partes do país, que, entretanto, aparecem em pequena proporção nos três acervos estudados. Por fim, nas poesias de Manoel de Barros que compõem apenas três antologias (destaca-se a lacuna de autores do Mato Grosso do Sul), constatamos a presença de poemas que, embora destaquem os recursos naturais do Pantanal matogrossense, abordam assuntos universais.

A desproporção entre as obras que retratam a diversidade étnica, cultural e regional do Brasil e o total daquelas que compõem os acervos estudados parece apontar para dificuldades de representação dessas características plurais de nosso país na literatura infantojuvenil, seja pela ausência de obras que abordem tais repre-

sentações, seja em função da predominância e da canonicidade de alguns autores nos três acervos analisados.

Se, por um lado, esses resultados apontam para alguns aspectos das obras do gênero que circulam nas escolas hoje, por outro, nosso estudo apresenta representações étnicas e culturais que, como já dito, não se esgotam na presente pesquisa e que podem ser retomadas em estudos posteriores, inclusive com pesquisas de campo, para que se averigue a recepção dos leitores das diversas regiões do país que se veem ou não representados nas obras.

Para finalizar, esperamos ter contribuído para o melhor entendimento não só de alguns aspectos da literatura infantojuvenil que circula nas escolas públicas de nosso país, como também da importância das políticas públicas de leitura, especialmente os programas de compras de livros literários, para a formação de leitores. Retomando a fala de Meireles (1984), esses programas visam garantir aos alunos não só passatempo, mas também a *nutrição* do intelecto e da sensibilidade.

Referências

- AZEVEDO, Ricardo. “Aspectos da literatura infantil no Brasil, hoje”. *Revista Releitura*, Belo Horizonte, n. 15, abril de 2001. Disponível em: <<http://www.ricardoazevedo.com.br/Artigo03.htm>>. Acesso em 30 jan. 2017.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural*. Brasília: Ministério da Educação e Cultura/Secretaria de Educação Fundamental, 1998. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/meo00042.pdf>>. Acesso em 3 fev. 2017.
- _____. *Edital de convocação para inscrição de coleções de obras de literatura no processo de avaliação e seleção para o Programa Nacional Biblioteca da Escola, PNBE/2001*. Brasília, 29 de agosto de 2001.

- _____. *Edital de convocação para inscrição de coleções de obras de literatura no processo de avaliação e seleção para o Programa Nacional Biblioteca da Escola, PNBE/2002*. Brasília, 24 de abril de 2002.
- _____. Ministério da Educação. *Edital de convocação para inscrição de coleções de obras de literatura para alunos de 4ª e 8ª séries do ensino fundamental e de literatura de informação para alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), no processo de avaliação e seleção para o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE/2003)*. Brasília, 9 de maio de 2003.
- FERNANDES, Célia Regina Delácio. *Leitura, literatura infantojuvenil e educação*. Londrina: EDUEL, 2007.
- _____. “A seleção de obras literárias para o Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE 2006-2014”. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, n. 51, pp. 221-44, maio/ago. 2017.
- _____ e CORDEIRO, M. B. da S. “Os critérios de avaliação e seleção do PNBE: um estudo diacrônico”. *Revista Educação* (PUC-RS, online), v. 35, pp. 319-28, 2012.
- HALL, Stuart. “The work of representation”. In ____ (org.). *Representation: Cultural Representation and Cultural Signifying Practices*. Londres: Thousand Oaks/Nova Déli: Sage/Open University, 1997.
- IBGE: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Contagem da População 2007*. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/contagem2007/contagem_final/tabela1_1.pdf>. Acesso em 30 de janeiro de 2017.
- _____. *Contas Regionais do Brasil 2003-2007*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/contasregionais/2003_2007/tabela02.pdf>. Acesso em 30 de janeiro de 2017.
- INSTITUTO PRÓ-LIVRO. *Retratos da leitura no Brasil 2*. Disponível em: <<http://www.prolivro.org.br/ippl/publier4.o/dados/anexos/48.pdf>>. Acesso em 30 jan. 2017.
- _____. *Retratos da leitura no Brasil 3*. Organização de Zoara Failla. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2012.

- _____. *Retratos da leitura no Brasil 4*. Organização de Zoara Failla. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.
- LAJOLO, Marisa. *Meus alunos não gostam de ler: o que eu faço?* Campinas: CEFIEL, 2005.
- LISPECTOR, Clarice. “Felicidade clandestina”. In ____ et al. *Em família*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002, v. 2, pp. 38-42. (Coleção Literatura em Minha Casa.)
- MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- NASCIMENTO, I. “A leitura como moeda de trânsito social: entrevista com Marisa Lajolo”. In _____. *Políticas e práticas de leitura no Brasil*. São Paulo: Ação Educativa, 2003, pp. 46-57.
- PAIVA, Aparecida. “A produção literária para crianças: onipresença e ausência de temáticas”. In ____ e SOARES, M. *Literatura infantil: políticas e concepções*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, pp. 35-52.
- PAULA, Flávia Ferreira de. *Literatura infantojuvenil e políticas públicas de leitura: um estudo do projeto Literatura em minha casa* (dissertação). Universidade Federal da Grande Dourados, 2010. 116f.
- _____. e FERNANDES, C. R. D. “Políticas públicas de leitura e formação de leitores: um estudo do projeto ‘Literatura em Minha Casa’”. *Seminário de teses em andamento*, 2011, Campinas. *Anais...*, 2010, v. 5, pp. 383-99.
- _____. e _____. “Literatura infantojuvenil, políticas públicas de leitura e formação de leitores”. *Revista de Políticas Públicas*, v. 18, pp. 587-601, 2014.
- _____. e _____. “Pluralidade cultural na literatura infantojuvenil brasileira: projeto ‘Literatura em minha casa’ em questão”. *Acta Scientiarum*. Language and Culture. Maringá, v. 38, n. 3, pp. 233-41, jul.-set., 2016.
- SOARES, Magda. “Livros para educação infantil: a perspectiva editorial”. In PAIVA, A. e SOARES, M. (orgs.). *Literatura infantil: políticas e concepções*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, pp. 21-34.